

O poder da palavra escrita: os jornais católicos e a difusão dos ideais ultramontanos na diocese de Mariana (1844-1876)

Daniela Gonçalves Gomes
Universidade Católica Portuguesa
Lisboa – Portugal
danijsv@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo tencionamos trabalhar com as estratégias de propagação dos ideais ultramontanos por meio dos jornais confessionais na diocese de Mariana, no prelado de D. Antônio Ferreira Viçoso, entre os anos de 1844 a 1875. Temos como objetivo, demonstrar que as publicações de caráter confessional se estabeleceram como meio eficaz de divulgação dos ideais ultramontanos no prelado viçosiano. Em nossa abordagem, utilizaremos os três periódicos que circularam na diocese de Mariana no período: o *Selecta Chatólica*, o *O Romano* e o *O Bom Ladrão*. Sugerimos, em nossa análise, que estes jornais auxiliaram a diocese a repensar o prelado em moldes ultramontanos e contribuíram para uma integração moral e lógica da ordem social.

Palavras-chave: ultramontanismo, imprensa católica, D. Viçoso.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata diretamente das estratégias utilizadas para a veiculação dos ideais ultramontanos por meio dos jornais confessionais na diocese de Mariana, no prelado de D. Antônio Ferreira Viçoso, entre os anos de 1844 a 1875. Nesse período, a sociedade mineira foi marcada pela difusão dos ideais de modernização, pelo liberalismo, pelo pensamento secularizado e também pelas ideias abolicionistas. Por outro lado, este é um recorte que circunscreve, não somente, questões relacionadas à estrutura social, aos rearranjos políticos ou a propagação dos ideais liberais ou secularizados, como também é de suma importância para compreendermos a estruturação do pensamento católico ultramontano.

Em benefício da síntese, compreendemos a reforma ultramontana como uma série de ações da Igreja Católica em reação a algumas correntes teológicas e eclesiais, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna (DILMAMM, 2003: 23-24). Em outras palavras, o ultramontanismo¹ pode ser entendido, como um movimento que se preocupou em reafirmar as doutrinas tridentinas e as diretrizes advindas de Roma.

Na tentativa de efetivar no território brasileiro as normas ultramontanas, grande parte do episcopado nacional no século XIX e no início do século XX, preocupou-se primeiramente, em reformar as práticas religiosas da população, que eram tidas como bastante externalizadas, costumeiras, cotidianas, pouco sacramentais e de junções condenáveis entre elementos sagrados e profanos. E posteriormente, preocupou-se em reforçar o prestígio da Igreja com a reforma do clero nacional, em reafirmar o escolasticismo por meio de uma série de bulas e encíclicas, e em combater as tendências consideradas perigosas à sociedade civil, como a maçonaria, os ideais de modernidade e as associações religiosas (GOMES, 2009: 22-23).

Cabe ressaltar que apesar de algumas medidas dos bispos considerados ultramontanos se assemelharem, o ultramontanismo não pode ser compreendido como um movimento homogêneo, pois, este assumiu faces diversas, apresentando-se como um algo multifacetado, heterogêneo, um movimento de substituição e de adaptação de um modelo eclesiológico, e que, no quebrar das ondas, pode ser explicado na sua diversidade e no caráter específico que teve em cada prelado.

De fato, na província de Minas o então bispo da diocese de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, concentrou-se *a priori* em fortalecer o poder clerical, por meio, da criação de seminários, da moralização do clero, que estava, frequentemente envolvido em casos de concubinato e bem concentrou-se em afastar o clero de questões políticas. E, *a posteriori*,

1. Opõe-se, em princípio, a qualquer tipo de composição e, mais ainda, a qualquer forma de tutela do Estado. Foi nesse contexto que foi entendido o conceito do ultramontanismo ou Ultramontanos (ultra-montes = além das montanhas), referindo-se aos teólogos, ao clero, aos religiosos e ao povo em geral, que combatia o galicismo dos católicos franceses que defendiam uma composição com o poder civil. Os ultramontanos reivindicavam como autoridade máxima e única aquele que tinha sua sede "ultra montes, além das montanhas, dos Alpes", o papa em Roma. Ver: (MARTINA, 2005: 55-56).

procurou reformar o culto leigo na busca de práticas do catolicismo que fossem mais interiorizadas.

Percebemos, que a ação pastoral de D. Viçoso valeu-se de estratégias da linguagem oficial da Igreja direcionada aos clérigos e fiéis na tentativa de modificar os costumes dos mesmos e de aproximá-los dos ideais ultramontanos e teve na palavra escrita seu principal vetor para a efetivação dos ideais da Igreja e para a implementação do ultramontanismo na província das Minas.

Temos como objetivo neste artigo, demonstrar que as publicações de caráter confessional, a chamada “Boa Imprensa”, se estabeleceu como meio eficaz de divulgação das ideias ultramontanas no prelado viçosiano. Em nossa abordagem, utilizamos os três periódicos que circularam na diocese no período: o *Selecta Chatólica*, *O Romano* e *O Bom Ladrão*. *O Romano* foi veiculado de 1844 a 1850, *O Bom Ladrão* de 1873 a 1875, o *Selecta Cathólica* de 1830 a 1875.

Demonstraremos que, os jornais se consolidaram como o veículo basilar de propagação dos ideais reformadores, no que tange à significativa produção de periódicos institucionais e editorados pelo próprio bispo, contudo temos, na segunda metade do século XIX na província de Minas, uma grande parte de periódicos sem declinação confessional, que dedicaram parte da sua produção a artigos que exaltavam a reforma na diocese ou que enalteciam a figura de D. Viçoso.

D. ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO E A “BOA IMPRENSA” NA PROVÍNCIA DE MINAS

Os jornais católicos no século XIX, e início do século XX, passaram a ser polos de divulgação da política religiosa da Igreja Católica em toda a América Latina. No Brasil, os bispos considerados reformadores buscaram cumprir as determinações que vinham de Roma. As ordens do papa centravam-se, principalmente, nas determinações do *Syllabus* e do Concílio Vaticano I. Dessa forma, os periódicos exteriorizavam a ideia de um combate constante a toda e qualquer doutrina de cunho liberal e a uma série de outros preceitos daí advindos, considerados perigosos para a Igreja. Além do liberalismo, também as ciências, a modernidade, a maçonaria, o protestantismo, o cientificismo, o socialismo e a irreligiosidade foram condenadas pelo papa Pio IX.

Mauro Dilmamm ressalta a importância dos jornais católicos para Porto Alegre. Na cidade circularam dois periódicos eclesiais, que serviram ao bispo ultramontano Dom Sebastião Dias Laranjeira em períodos distintos do século XIX: *A Estrela do Sul*, periódico semanal publicado entre 1862 e 1869, e *O Thabor*, publicado em 1881 e 1882 (DILMAMM, 2003:1-15). O autor menciona também a circulação de outros periódicos no Brasil, entre eles o jornal *A União e o O Cathólico* de Recife, que se caracterizaram pela oposição ao governo imperial. Na Bahia, circulou o periódico *O Brasil* que seguia estritamente a ortodoxia ultramontana.

No Rio de Janeiro, circularam o periódico católico *A Religião* (entre os anos de 1848 e 1850) e o jornal *O Apóstolo*, periódico de maior respeitabilidade entre os jornais católicos. *O Apóstolo* produziu diversos artigos e editoriais, principalmente a partir de 1873, após o acirramento do conflito entre a autoridade dos bispos brasileiros, a maçonaria e o governo imperial (ABREU, 1999: 78).

Podemos, assim, inferir, que os jornais confessionais que circulavam na diocese de Mariana almejavam apresentar á sociedade mineira um cenário ideal de organização social para este prelado, que passava necessariamente pela ação ultramontana e pela extirpação de ideais liberais, seculares e modernos. Neste contexto, a força retórica que percebemos nos jornais eclesiais, tinham como objetivo, na grande maioria deles, destinar aos leitores um conteúdo persuasivo que defendia veementemente as ações episcopais.

De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu, os jornais exercem papel de reivindicador de ideias e modelos, demonstrando dessa forma, as condições políticas e sociais desses, promovendo a integração social e

enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da “integração moral” (BOURDIEU, 1992: 76)

Em outras palavras, os jornais confessionais atuavam como mais um veículo de propagação das ações da diocese e eram responsáveis por apresentar as diretrizes da reforma católica. O ultramontanismo foi um caminho viável para solucionar os males da modernidade e para reordenar

o universo religioso na província, isto é, a função deste discurso não era meramente pedagógica, todavia, se imbuía também de uma mensagem simbólica, mobilizadora e reparadora.

Na imprensa católica da diocese de Mariana no século XIX, três jornais foram veiculados: *Selecta Chatólica*, *O Romano* e *O Bom Ladrão*.

O jornal *Selecta Cathólica*, se constituiu como um periódico de caráter mais doutrinário. Veiculado nos anos 1830 a 1875, este foi responsável por demarcar o início do bispado de D. Viçoso. Como um ponto inicial de difusão dos ideais ultramontanos na diocese, D. Viçoso afirma, na edição do jornal de 1844, em matéria intitulada “*Notícia sobre a Selecta Catholica*”, que a motivação para a publicação deste periódico era a inexistência de jornais oficiais católicos no Brasil.

O jornal *O Romano*, também de caráter doutrinário, foi veiculado nos anos 1844 a 1853. Dentre as principais publicações deste jornal, encontramos as primeiras cartas pastorais e o resultado da primeira visita pastoral do bispo. Podemos verificar que o plano pastoral de D. Viçoso, neste primeiro momento, voltava-se a afastar das práticas do clero qualquer envolvimento com partidos políticos, que pudesse segundo os ideais ultramontanos desviá-lo do seu verdadeiro espírito missionário, e, afastar o clero de qualquer envolvimento partidário, denotava o posicionamento da diocese naquele momento, de separar os assuntos espirituais e religiosos dos assuntos políticos.

Em carta pastoral publicada em *O Romano*, na edição nº. 9, do ano de 1851, encontramos um D. Viçoso preocupado com a participação de eclesiásticos em partidos políticos. Criticando diretamente o jornal *Apóstolo*, ao qual acusou de veicular ideais partidários e de defender outros tipos de governo. Para D. Viçoso, utilizar-se das folhas de um periódico católico e das sagradas escrituras para defender ideais políticos e partidários era uma contravenção aos fundamentos da fé católica.

Tendo-vos dado sufficiente provas, há sete annos do nosso Episcopado, de que não seguimos partido (...). Contudo, e sem ainda tomar partido, he agora necessário que vos fallemos de huma folha moderna, o Apos-tolo, cujo fim he provar a excelência de hua forma de governo, sobre qualquer outra. Desce já vos dizemos muito e distintamente que, em these, não entramos em conflito com seos editores sobre a preferênci-a de tal forma governativa, e a este respeito nossos fracos conhecimentos em política seguem os conhecimentos e doutrina de abalizados políticos

(a). Mas como prelado desta Diocese he do nosso dever não tolerar que os editores do Apostolo se sirvão da Sagrada Escripura em sentidos, que a Santa Igreja, tradição e santos padres nunca lhe dirão. Qual he o intérprete cathólico, qual o santo padre, qual o Concílio, que assim interpretasse a Sagrada Escripura, que della viesse a concluir, que tal ou tal governo he opposta a Divina Revelação? (*O ROMANO*, 1851: edição nº. 9)

Nesta mesma edição do jornal *O Romano* do ano de 1851, em uma carta pastoral, D. Viçoso enfatizava sua preocupação no envolvimento dos fiéis e principalmente dos clérigos em partidos políticos. Ele, expunha abertamente que os partidos eram “um mau costume a ser extirpado na diocese” (*O ROMANO*, 1851: edição nº. 9).

Os partidos políticos, eram uma das muitas preocupações pastorais do bispo nos primeiros anos de seu prelado. Na mesma carta pastoral de 1851, publicada no periódico *O Romano*, mostrou que existiam outros maus costumes dos fiéis, entre eles as práticas de concubinato e mancebias. Estas também se tornaram uma preocupação do bispo, pois o próprio clero era violador das normas do celibato.

Que costumes maos há entre nós? A resposta seria mui extensa, ao menos lembramos hum que pela sua freqüência se pode chamar costume mau e péssimo, e vem a ser as mancebias, e concubinatos públicos chegando a haver quem continue neste estado tantos annos quantos são necessários para ter filhos, e netos! (*O ROMANO*, 1851: edição nº. 9)

As festas religiosas ganham especial atenção na carta pastoral de abril de 1853, publicada no jornal *O Romano*. D. Viçoso as considerava como “dias consagrados à commemoração de algum mistério da religião, ou de alguns assignalados beneficios que Deos se tem dignado fazer aos homens” (*O ROMANO*, 1853). Para o bispo ultramontano, as festas eram manifestações que faziam parte dos principais ritos da Igreja Católica, em beneficios de Deus. Além disso, autoriza a instituição das festas aos santos que os fiéis “tivessem escolhido por seus Protectores diante de Deos, e de quem tivessem recebido singulares favores” (*O ROMANO*, 1853).

D. Viçoso afirma que as festas são momentos sagrados de comemoração da fé católica, mas assinala que alguns “christãos illudem as carinhosas vistas da Igreja e convertem os dias santos, e do Senhor, em dias de peccados, e do demônio” (*O ROMANO*, 1853).

Tais atitudes eram consideradas inaceitáveis pelo bispo, que na mesma carta pastoral de 1853, suprime algumas festas do calendário católico da diocese, por considerar que o aumento delas promoveria o número de ocasiões de pecado. O calendário foi repassado à população no mesmo ano, contendo as festas que seriam permitidas pela diocese de Mariana. Seriam 14 dias santos, exceto os domingos.

As demais festas de santos e padroeiros seriam transferidas para os domingos santos próximos às festas. Tal medida seria apresentada por D. Viçoso “como uma inovação na disciplina da nossa Igreja; pois parte da legítima autoridade” (*O ROMANO*, 1853).

Nos anos finais de seu governo, encontraremos como principal veículo das ideias ultramontanas, o jornal denominado *O Bom Ladrão* que circulou nos anos de 1873 a 1876. O jornal que se dizia literário, religioso e noticioso, nasceu de uma iniciativa do próprio bispo de criar para a diocese um periódico capaz de continuar a divulgar a mensagem ultramontana.

O periódico *O Bom Ladrão* foi o que apresentou um caráter mais político, preocupando-se mais abertamente com questões que diziam respeito à relação da Igreja com Estado e às disputas em torno do Padroado Régio, além de versar sobre assuntos relacionados à maçonaria e às manifestações de liberalismo e da modernidade na diocese de Mariana e, conseqüentemente, aos costumes dos fiéis.

Nessa direção, temos um jornal que se mostrava preocupado com os acontecimentos políticos e econômicos do Brasil e que conseguia intercalar a mensagem mais confessional e pedagógica com anedotas, piadas e situações mais corriqueiras. Tudo isso aproximava o *O Bom Ladrão* dos demais periódicos laicos que circularam na província no final do século XIX, pois seu conteúdo diversificado pouco o diferenciava dos demais, uma vez que mesclava anúncios com a parte política, situava o leitor de assuntos do Império, anunciava eventos, arrematações e produtos, além das sessões sobre o cotidiano do prelado. Entretanto, o posicionamento de D. Viçoso e suas cartas pastorais eram destaque no corpo editorial.

Em 1º de outubro do ano de 1873, o jornal *O Bom Ladrão* publicava sua primeira edição na cidade de Mariana. Seu primeiro editorial exaltava a importância da imprensa eclesiástica para a transmissão do pensamento católico entre os fiéis, ressaltando a relevância da atuação

de seus congêneres na cidade do Rio de Janeiro, em Pernambuco, no Rio Grande do Sul e no Pará.

Começamos esta nossa empresa saudando-vos, a imprensa cathólica do Império do Brasil. Do Pará ao R. Grande sustentaes gloriosamente a causa de verdade, e os direitos de Deos, hoje mais que nunca atropellados pela impiedade. (*O BOM LADRÃO*, 1873).

A ideia difundida de uma uniformidade do pensamento ultramontano no Brasil foi importante para a Igreja implementar as diretrizes da Santa Sé. *O Bom Ladrão* acreditava, assim como os demais periódicos católicos brasileiros, que o povo deveria tomar distância de doutrinas liberais, maçônicas, racionalistas, protestantes, comunistas e materialistas. Era “real a necessidade de que os todos os católicos deveriam se unir para fazer rosto aos inimigos da Igreja, que se unem para bater-nos” (*O BOM LADRÃO*, 1873).

Um dos assuntos que teve maior destaque nas das edições páginas dos jornais o *O Bom Ladrão*, foi a Questão Religiosa do ano de 1872, em que temos críticas constantes do bispo à postura do governo imperial frente ao episódio.

O governo do Brasil hoje alista afoutamente entre os perseguidores da Igreja. Está dado o primeiro passo, e só Deos sabe onde irá parar. O heróico Bispo de Pernambuco vai ser arrastado contra todas as leis da justiça e da Igreja a um tribunal incompetente, e isto por que soube desempenhar as obrigações de seo cargo, fallar respeitosamente a verdade, a quem não queria ouvi-la, e sustentar os inauferíveis direitos de Deos, que jurou manter illesos à face do ceo e da terra. E o maçonismo baterá palmas contente; porque seo maior empenho é calcar o Episcopado e a Igreja de Jesus Christo. (*O BOM LADRÃO*, 1873).

As matérias e editoriais que priorizavam a crítica às atitudes do governo, se estenderam até o último ano do jornal. As inúmeras afirmações demonstravam que, além de almejar resguardar o direito de padroado, as idéias veiculadas no jornal pretendiam desvencilhar a Igreja Católica do poder civil e conseguir liberdade nos assuntos internos, procurando seguir lealmente as diretrizes do pontífice romano. Dizia que “Deos não concedeo aos imperantes na terra as cousas espirituaes, mas aos prelados constituídos por elle e sobre tudo ao Pontífice Romano”. (*O BOM LADRÃO*, 1873).

As questões com o Estado reaparecem em destaque nos últimos anos do bispado de D. Viçoso, como, por exemplo, na carta pastoral publicada no jornal *O Bom Ladrão* de março de 1874, em que se rejeitou a separação da Igreja e do Estado. Segundo o bispo separar o que deve estar unido ainda que sempre distinto, e fazem como se alguém quizesse separar a alma do corpo, sob pretexto de que desta união sofre a alma varias moléstias (*O BOM LADRÃO*, nº 16, 1874). Percebemos também um D. Viçoso mais intolerante às decisões do casamento civil e à secularização dos cemitérios.

Pede-se mais que o Sacramento do Matrimônio seja forçosamente celebrado perante as Autoridades civiz, tornando-se não mais necessário, mas só tolerado o casamento religioso, contra o que já em outra ocasião levantamos nossa fraca voz, e representamos a Sua Magestade, o Imperador (...)Pede-se mais que os restos mortaes dos Cathólicos sejam promiscuamente sepultados como dos hereges, ímpios, e atheos, reduzidos os cemitérios à condição de todo profana (*O BOM LADRÃO*, nº 16, 1874).

Os ataques aos protestantes aparecem nas matérias e cartas pastorais do jornal. Em carta pastoral publicada em *O Bom Ladrão*, de maio de 1874, D. Viçoso afirma que “as seitas até agora escondidas nos valles (como eles disem), mas agora manifestão, de baixo de diversos nomes Maçons, F. iliminados, Carbonarios” e tinham como intenção reduzir o poder dos católicos”. (*O BOM LADRÃO*, nº 22, 1874).

De forma geral, o jornal *O Bom Ladrão* se configurou como um periódico católico que refletia as inquietações do período, dispondo em suas matérias a necessidade de levar a público quais seriam os verdadeiros inimigos da Igreja: o Estado, os maçons, o pensamento secularizado (que se combateria com o ensino religioso).

Além disso, podemos verificar que o jornal firmava a função principal dos periódicos eclesiásticos do período: seu profundo envolvimento com a difusão dos ideais ultramontanos.

QUASE UMA CONCLUSÃO

Indicamos, até este momento, que os jornais católicos de circulação em toda a diocese e produzidos na cidade de Mariana expressavam as principais atribuições de D. Viçoso. Eles divulgavam uma ação pastoral

voltada a um tipo de clero impregnado por um espírito laico, incompatível com a proposta ultramontana. Muitos clérigos estavam envolvidos em casos de concubinato e de atos considerados pela Igreja como mundanos. A conduta particular dos membros do clero não sugeria em nada o perfil de sacerdote traçado pelas normas da Igreja Católica nos oitocentos.

É importante acentuar que os jornais não são tradutores de uma época e não compreender o ultramontanismo como se fosse um espírito que pairasse no ar, dissolvido no prelado e facilmente incorporado no *ethos* católico do século XIX, mas entendê-los como veículos de ideias e de modelos que auxiliam a diocese de Mariana a repensar o prelado em moldes ultramontanos. Assim, contribuíram para uma certa integração moral e lógica de uma ordem social.

Dessa forma, não podemos ser demasiado simplista e afirmar que a imprensa é capaz de reproduzir o cotidiano de uma sociedade ou ser o retrato do pensamento de um tempo (COELHO, 2009: 71-72). Pois assim, cairemos em uma análise linear e trataremos os jornais como verdades estabelecidas e sem margem para contestação ou para historicização.

Cabe ressaltar, que, não podemos extinguir a dimensão do conflito na circulação destas ideias, pois estes jornais católicos conviviam com outras publicações, e que a difusão destes ideais não encontrou um terreno pacífico e assegurado e, também, estes jornais não detinham o monopólio da informação nas Minas.

Mesmo em periódicos laicos de apoio à política da diocese, existe um debate sobre as doutrinas de esquerda, o liberalismo, a maçonaria, a modernidade, e as associações religiosas. Tensionada em múltiplos discursos, a Igreja Católica disputa um espaço em seus jornais para a propagação do seu discurso de salvação da sociedade no mesmo momento em que a tônica liberal e positivista apresenta soluções para as contingências e os problemas da sociedade mineira.

Assim, acentuamos mesmo que, de forma sumária neste breve artigo, os jornais católicos são muito mais que um meio privilegiado de difundir as ideias de combate à modernidade e a seus efeitos ditos malefícios, mas também podem ser entendidos como uma das estratégias da modernidade paulatinamente apropriada pela Igreja Católica. Os jornais confessionais podem ser entendidos como instrumentos modernos que ajudam a veicular uma mensagem de progresso, de pacificação e de resolução dos problemas da sociedade nos moldes ultramontanos.

Nessa esteira de discussão, podemos ampliar este debate e inferir que, mesmo em empate com as teorias modernas, D. Viçoso sabia se apropriar dos mesmos mecanismos deste discurso para estabelecer sua ótica de “*concepção de progresso, civilização e ordem, coerentes com os princípios do catolicismo romano*” (CARTA PASTORAL de 5 de maio de 1844).

THE POWER OF THE WRITTEN WORD: THE CATHOLIC NEWSPAPER AND DISSEMINATION OF THE ULTRAMONTANES IDEALS IN THE DIOCESE OF MARIANA (1844-1876)

Abstract: In this article we intend to work with strategies for spreading the ultramontanes ideals through newspapers faith in the diocese of Mariana, the bishop of D. Antonio Ferreira Viçoso, between the years 1844 to 1875. We aim to demonstrate that the publications of confessional character is established as an effective means to disseminate the ultramontanes ideals viçosiano the bishop. In our approach, we use the three journals that circulated in the diocese of Mariana in the period: *the Catholic Selecta*, *the Romano* and *The Good Thief*. We suggest in our analysis, that these newspapers helped the diocese to rethink the prelate into ultramontanes molds and contributed to a logic of moral integration and social order.

Keywords: ultramontanism, Catholic press, D. Viçoso.

REFERÊNCIAS

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana:

Carta pastoral de 5 de maio de 1844. Disposições pastorais. prateleira W03.

Carta astoral publicada no jornal *O Romano* de abril de 1853.

Jornal *O Bom Ladrão*, anno II, 20 de fevereiro de 1875.

Jornal *O Bom Ladrão*, anno I, 1º de Março de 1874, nº 16

Jornal *O Bom Ladrão*. anno I, 6 de Maio de 1874, nº 22, pp.01

Jornal *O Bom Ladrão* de 1º de outubro do ano de 1873.

Jornal *O Romano* 1851, edição 9

Jornal *Selecta Cathólica*: armário 6, prateleira 4, anno 1836.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 78.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 76-78

COELHO, Tatiana Costa. *A reforma católica em Mariana e o discurso ultramontano de Dom Viçoso (1844-1875)*. Dissertação apresentada no Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. p. 71-72.

DILMAMM, Mauro. *Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG da Unisinos, Porto Alegre 2003. p. 23

GOMES, Daniela Gonçalves. *Ordens terceiras e o ultramontanismo em Minas: catolicismo leigo e o projeto reformador da Igreja Católica em Mariana e Ouro Preto (1844-1875)*. Dissertação apresentada ao PPGHIS da Universidade Federal de Ouro Preto, maio de 2009. p. 22-23

MATTOSO, Kátia M. de. *A Bahia no século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro, 1992.

PIMENTA, Silvério Gomes. *Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana e conde da Conceição*. 2ª. Edição, Mariana: Tipografia Arquiepisco, 1920.

SOBRE A AUTORA

Daniela Gonçalves Gomes – doutoranda do Programa Inter-Universitário de História (PIUDH-PT) pelo Centro de Pesquisa em História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-PT).

Recebido em 03/08/2012

Aceito em 30/11/2012